

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

A

Leia o poema.

O sono é bom pois despertamos dele

O sono é bom pois despertamos dele
Para saber que é bom. Se a morte é sono
Despertaremos dela;
Se não, e não é sono,

5 Conquanto em nós é nosso a refusemos¹
Enquanto em nossos corpos condenados
Dura, do carcereiro,
A licença indecisa

Lídia, a vida mais vil antes que a morte,
10 Que desconheço, quero; e as flores colho
Que te entrego, votivas²
De um pequeno destino.

¹ refusemos

² oferecidas por voto

19 - 11 - 1927

Odes de Ricardo Reis. Fernando Pessoa. (Notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor)
Lisboa, Ática, 1946 (imp. 1994).

1. Comprove a adoção de uma atitude estoico-epicurista e do princípio do *carpe diem* por parte do sujeito poético, ilustrando a sua resposta com elementos textuais pertinentes.
2. Explícite o desejo do “eu”, atentando na última estrofe.
3. Destaque um recurso expressivo presente na última estrofe, referindo, também, a sua funcionalidade.

B

Leia o excerto.

MARIA, TELMO e MANUEL DE SOUSA

MANUEL – Aquele era D. João de Portugal, um honrado fidalgo e um valente cavaleiro.

MARIA (*respondendo, sem observar quem lhe fala*) – Bem mo dizia o coração!

5 **MANUEL** (*desembuçando-se e tirando o chapéu, com muito afeto*) – Que te dizia o coração, minha filha?

MARIA (*reconhecendo-o*) – Oh! meu pai, meu querido pai! Já me não diz mais nada o coração senão isto. (*Lança-se-lhe nos braços e beija-o na face muitas vezes.*) – Ainda bem que viestes. – Mas de dia!... Não tendes receio, não há perigo já?

10 **MANUEL** – Perigo, pouco. Ontem à noite não pude vir; e hoje não tive paciência para aguardar todo o dia: vim bem coberto com esta capa...

TELMO – Não há perigo nenhum, meu senhor; podeis estar à vontade e sem receio. Esta madrugada, muito cedo, estive no convento, e sei pelo senhor Frei Jorge que está, se pode dizer, tudo concluído.

15 **MANUEL** – Pois ainda bem, Maria. E tua mãe, tua mãe, filha?

MARIA – Desde ontem está outra...

MANUEL (*em ação de partir*) – Vamos a vê-la.

MARIA (*retendo-o*) – Não, que dorme ainda.

20 **MANUEL** – Dorme? Oh, então melhor. – Sentemo-nos aqui, filha, e conversemos. (*Toma-lhe as mãos; sentam-se*) Tens as mãos tão quentes! (*Beija-a na testa*) E esta testa, esta testa!... escalda. – Se isto está sempre a ferver! Valha-te Deus, Maria! Eu não quero que tu penses.

MARIA – Então que hei de eu fazer?

Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa*, Porto, Edições Caixotim, 2004.

4. Contextualize este momento da ação, atendendo à progressão evidenciada na obra em análise.
5. Justifique a preocupação de Manuel de Sousa Coutinho relativamente à filha, Maria, considerando a última réplica.

GRUPO II

Nas respostas de escolha múltipla, seleccione a opção correta.

Leia o seguinte texto.

Fernando Pessoa: O Poeta dos Muitos Rostos

Respeitado em Lisboa como intelectual e como poeta, [Pessoa] colaborou regularmente em revistas, algumas das quais ajudou a fundar e a dirigir, mas o seu génio literário só foi plenamente reconhecido após a sua morte. [...]

[...] Familiares de Pessoa descreveram-no como afetuoso e bem humorado, mas muito reservado. Ninguém fazia ideia de quão imenso e variado era o universo literário acumulado na grande arca onde ia guardando os seus escritos ao longo dos anos.

O conteúdo dessa arca – que hoje constitui o Espólio de Pessoa na Biblioteca Nacional de Lisboa – compreende mais de 25 mil folhas com poesia, peças de teatro, contos, filosofia, crítica literária, traduções, teoria linguística, textos políticos, horóscopos e outros textos sortidos, tanto datilografados como escritos ou rabiscados ilegitimamente à mão, em português, inglês e francês. Pessoa escrevia em cadernos de notas, em folhas soltas, no verso de cartas, em anúncios e panfletos, no papel timbrado das firmas para as quais trabalhava e dos cafés que frequentava, em sobrescritos, em sobras de papel e nas margens dos seus textos antigos. Para aumentar a confusão, escreveu sob dezenas de nomes, uma prática – ou compulsão – que começou na infância. Chamou heterónimos aos mais importantes destes “outros eus”, dotando-os de biografias, características físicas, personalidades, visões políticas, atitudes religiosas e atividades literárias próprias. Algumas das mais memoráveis obras de Pessoa escritas em Português foram por ele atribuídas aos três principais heterónimos poéticos – Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos – e ao “semi-heterónimo” Bernardo Soares, enquanto muitos poemas e alguma prosa em inglês foram assinados por Alexander Search e Charles Robert Anon. Jean Seul, o solitário heterónimo francês, era ensaísta. Os muitos outros alter-egos de Pessoa incluem tradutores, escritores de contos, um crítico literário inglês, um astrólogo, um filósofo, um frade e um nobre infeliz que se suicidou. Havia até um seu “outro eu” feminino: uma pobre corcunda com tuberculose chamada Maria José, perdidamente enamorada de um serralheiro que passava pela janela onde ela sempre estava, olhando e sonhando.

Hoje, mais de setenta e cinco anos após a morte de Pessoa, o seu vasto mundo literário ainda não está completamente inventariado pelos estudiosos, e uma importante parte das suas obras em prosa continua à espera de ser publicada.

Richard Zenith

www.casafernandopessoa.cm-lisboa.pt (consultado em 12-11-2015)

1. Fernando Pessoa tinha uma
 - (A) vida social intensa.
 - (B) adoração pela irmã.
 - (C) personalidade reservada.
 - (D) personalidade expansiva.

2. O universo literário pessoano era
 - (A) desconhecido de toda a gente.
 - (B) conhecido dos familiares.
 - (C) publicado em revistas.
 - (D) reduzido e desconhecido.

3. O constituinte sublinhado em “descreveram-no como afetuoso e bem humorado” (l. 4) é exemplificativo da coesão lexical por
 - (A) catáfora.
 - (B) anáfora.
 - (C) sinonímia.
 - (D) antonímia.

4. A oração “onde ia guardando os seus escritos ao longo dos anos” (l. 6) é subordinada
 - (A) substantiva relativa.
 - (B) substantiva completiva.
 - (C) adjetiva relativa restritiva.
 - (D) adjetiva relativa explicativa.

5. O constituinte sublinhado em “O conteúdo dessa arca” (l. 7) é um
 - (A) modificador do nome restritivo.
 - (B) modificador do nome apositivo.
 - (C) complemento do adjetivo.
 - (D) complemento do nome.

6. No segmento “dotando-os de biografias [...] atividades literárias próprias” (ll. 16-17) está presente uma
 - (A) enumeração.
 - (B) personificação.
 - (C) anástrofe.
 - (D) comparação.

7. O processo de formação implicado no termos “heterónimos” (l. 15) designa-se de
 - (A) composição morfossintática.
 - (B) composição morfológica.
 - (C) parassíntese.
 - (D) derivação não afixal.

Responda aos itens seguintes.

8. Indique a função sintática desempenhada pelo segmento “em revistas”. (l. 2)
9. Classifique a oração “que hoje constitui o Espólio de Pessoa na Biblioteca Nacional de Lisboa”. (ll. 7-8)
10. Identifique o referente do pronome relativo presente em “que se suicidou”. (l. 24)

GRUPO III

Todos os seres humanos precisam de apoio, de conselhos, de um ombro amigo, de alguém em quem confiar ou com quem partilhar as suas angústias, os seus segredos ou as suas alegrias.

Escreva uma reflexão de 200 a 300 palavras sobre a importância do(s) outro(s) na vida de qualquer ser humano.

Fundamente o seu ponto de vista recorrendo, no mínimo, a dois argumentos e ilustre cada um deles com, pelo menos, um exemplo significativo.

PROPOSTA DE CORREÇÃO

GRUPO I

A.

1. O sujeito poético adota uma atitude estoico-epicurista, visível na forma como aceita calma e placidamente o decurso da vida, predefinida por uma força superior – o destino. Mas o princípio do *carpe diem* também é perceptível na avaliação que, logo na primeira estrofe, faz do sono e na recusa da morte, como se vê nas segunda e terceira estrofes. Aí, o “eu” afirma que, enquanto o fim a que os nossos corpos estão sujeitos não chegar, devemos usufruir da vida, por mais vil que esta seja – “Conquanto em nós é nosso a refusemos / [...] a vida mais vil antes que a morte”. Por isto se depreende a apologia do viver a vida de forma serena, aguardando o fim que o destino nos reserva.
2. O sujeito poético refere que por mais vil que a vida seja é sempre preferível vivê-la enquanto podemos. Consciente da transitoriedade da vida, o “eu”, que afirma desconhecer ainda a morte (“a vida mais vil antes que a morte, / Que desconheço”), sabe que o destino está traçado e que, tal como as flores têm uma curta duração e o fim predefinido, também os outros seres vivos estão sujeitos ao mesmo processo e sob os efeitos da fugacidade da vida, pelo que devem viver enquanto puderem.
3. Na última estrofe destaca-se a antítese entre “vida” e “morte”, funcionando como uma espécie de síntese da preocupação manifestada ao longo do poema. Se na primeira estrofe se faz a referência e a apologia do sono porque dele sempre despertamos, só podemos aceitar a morte se esta significar sono. Porém, se a vida não é um “sono”, então devemos recusar a morte e privilegiar a vida, confirmando-se, na última estrofe, a temática da dicotomia vida/morte que é anunciada no início do texto.

B

4. O excerto selecionado surge na sequência do afastamento de Manuel de Sousa Coutinho, ditado pela afronta que fez aos governadores espanhóis para os impedir de se alojarem no seu palácio, incendiando-o. Em consequência desta ação, Manuel de Sousa viu-se obrigado a esconder-se para evitar a sua prisão, visitando a família só de noite. Contudo, nesta passagem, Manuel de Sousa chega, de dia, à casa que fora de D. João de Portugal, primeiro marido de D. Madalena, local onde se encontrava Maria a questionar Telmo sobre a identidade da pessoa representada num dos retratos que esta observava. É, pois, neste contexto, que surge Manuel de Sousa e desvenda o mistério, enunciando o nome da figura aí representada.
5. Manuel de Sousa revela uma enorme preocupação quando se apercebe do estado febril da filha, e tal facto resulta da consciência que tem da debilidade física de Maria que, já em outras situações, dera mostras de se preocupar com coisas pouco próprias para a sua idade, tal como estava a acontecer no momento descrito. O carácter e a perspicácia da jovem Maria preocupava ambos os progenitores, uma vez que, para eles, as questões que colocava bem como o tipo de preocupações que a assolavam poderiam indiciar algo de anormal, ou até mesmo de trágico, como se veio a confirmar.

GRUPO II

1. (C)
2. (A)
3. (B)
4. (C)
5. (D)
6. (A)
7. (B)
8. Complemento oblíquo.
9. Subordinada adjetiva relativa explicativa.
10. “um nobre infeliz”.